

«Espero, así mismo, en que esta nueva edición contribuya al mejor conocimiento del Oriente Cristiano».

Desde luego, no nos cabe duda alguna de que este nuevo instrumento contribuirá de manera provechosa al conocimiento del 'Oriente Cristiano', sino que además se convertirá en manual indispensable para todos aquellos interesados por éste apasionante ámbito de estudio y para quienes busquen una información precisa, avalada por el rigor científico de cada uno de los autores que firman las diversas entradas que componen el KLCO.

JUAN PEDRO MONFERRER-SALA  
Universidad de Córdoba

LE COZ, Raymond, *Les chrétiens dans la médecine arabe*, «Peuples et cultures de l'Orient» (Paris: L'Harmattan, 2006), 336 pp. ISBN: 2-296-00682-5

É consabido o papel que a medicina de língua árabe desempenhou durante toda a Idade Média mediterrânica até ao Século das Luzes, quando o pensamento e a ciência ocidentais se emanciparam e inauguraram a era da modernidade. O prestígio de que essa ciência gozava vinha-lhe, em grande parte, de ela ter como base a medicina grega antiga, nomeadamente a desenvolvida pela dupla Hipócrates/Galeno. Ora, “como é que [...] os Árabes chegaram a conhecer e assimilar esta ciência que lhes era alheia e estranha ao ponto de fazerem dela um dos principais êxitos da sua civilização?”, perguntava-se o autor (p. 11). Foi por intermédio dos sujeitos cristãos do seu império, eles que tinham traduzido e assimilado o legado grego e que continuavam a praticar, ao mesmo tempo que aprofundar, a medicina que era uma das suas componentes. Podemos até afirmar que eles foram os seus primeiros mestres na matéria, como o foram para a filosofia que ia de par com ela nesses tempos remotos.

É a este papel de cristãos pertencentes a espaços e etnias diferenciados que Le Coz dedica a sua obra. É certo que as histórias desta disciplina, sejam elas em língua árabe ou em línguas europeias, aludem a isso, mas os médicos cristãos e seus contributos múltiplos encontram-se algo diluídos, e a qualificação ambivalente de “árabe” ou de “islâmica” dada a esse domínio do saber científico, oculta largamente a participação deles na sua elaboração. Por outro lado, “parece-nos importante – afirma Le Coz na sua introdução (p. 16) – recordar a memória dessas comunidades [cristãs], e bem assim do papel que tiveram na história da civilização, no preciso momento onde a sua própria existência parece periclitante devido aos acontecimentos que não deixam de flagelar o Próximo Oriente.”

De um certo modo, este volume constitui o terceiro duma tetralogia que foca a história da medicina entre os cristãos. O primeiro versava sobre os capítulos de saúde e de ciências naturais da enciclopédia de S. Isidoro de Sevilha: *Étymologies, livres IV et XI: Introduction et traduction*, “Cahiers du CEHM”, nº 10 (Montastruc-la-Conseillère, 2002). O segundo volume tratava do cristianismo nestoriano-persa: *Les médecins nestoriens au Moyen Âge: les maîtres des Arabes*, publicado na mesma editora que o terceiro em 2004 (ver a nossa resenha em *CCO* 2, 2005, 501-504).: E o quarto, *Anthropologie et médecine chez les Pères de l'Église*, fora entregue à casa editora Le Cerf antes do triste desaparecimento do autor (26/07/2006). Sobre outros trabalhos dele relacionados directa ou indirectamente com o tema em apreço, reporte-se à necrologia e nota bio-bibliográfica que lhe dedicamos noutra lugar deste número da revista.

Na sua *Introdução* (pp. 11-17), a par da apresentação do plano da presente obra, o autor lembra a largos traços (não sem algumas imprecisões!) a composição complexa dessas populações cristãs “submetidas-protegidas” (*ahl al-dimma*), que iam (ainda vão em grande medida!) desde a Mesopotâmia e as franjas ocidentais do espaço iraniano até à ponta sudoeste da Europa. *Grosso modo*, cada uma delas tinha a sua própria língua, ao lado do idioma árabe..., e seguia um confissão distinta das outras: siríacos orientais ou “nestorianos”, siríacos ocidentais ou “jacobitas”, ortodoxos “melkitas” (fiéis à Igreja imperial bizantina), “coptas” do Egipto e católicos romanos da Hispânia ou al-Andalus, ditos “moçárabes”. Pode-se interrogar a pertinência de algumas das denominações usadas, nomeadamente as duas primeiras, mas a realidade é que correspondem aquelas que corriam naquela época, mesmo que os protagonistas dum dada confissão não se reviam sempre nelas.

É na base destas divisões, de resto, que se articulam os diferentes capítulos da parte principal do volume (pp. 19-166). Digo “principal”, porque este comporta ainda uns *Anexos* abordando questões de conjunto (pp. 167-193) e uma ampla *Antologia* (pp. 195-314), antes de acabar com a longa *Bibliografia* (pp. 315-333).

Ainda antes dos capítulos tratando de cada uma das comunidades identificadas, o cap. 1 esboça o quadro general da “Herança bizantina” (pp. 19-28): os derradeiros séculos da Escola de Alexandria; a sua deslocação para Oriente, sobretudo na Antioquena, em meios sírio-jacobitas, nos primórdios do século VIII, isto é sob a dinastia árabe do omíadas de Damasco (!); a tradução dos *corpora* greco-alexandrinos em síriaco e árabe, assim como a constituição de um currículo de formação tipo baseado nesse legado. Vários complementos a este panorama encontram-se no princípio dos cap. 3-4. Teria sido preferível

incluí-los aqui, porque nesta época as filiações confessionais não correspondiam necessariamente às etnolinguísticas e, no então espaço do Império cristão do Oriente, o enclausuramento comunitário não era tão estanque e não atingia a esfera da ciência e filosofia. Le Coz reconhece, de resto, as imprecisões ou confusões das fontes quanto à identificação onomástica, ao mesmo tempo que cronológica, de várias personalidades dos séculos VI-VII, para não falar das suas pertenças religiosas... Digamos logo que algumas das soluções adoptadas ficam sujeitas à caução, enquanto outras são mesmo incorrectas. É o caso, por exemplo, do presbítero alexandrino Ahrūn (ibn A'yan al-Qass, *sic*), de que não se sabe mesmo a que comunidade pertencia. Os argumentos do autor a favor dos sírio-jacobitas não parecem consistentes: não só o nome é largamente conhecido no Alto Egipto e nos meios helenófonos um pouco por toda a parte, mas Ahrūn deve ser colocado no século VIII e não no VI (*EI*<sup>2</sup> ed. fr., XII = Suppl. 1-3, 1980, 52b-53a; *CE*, p. 77), o que muda o panorama da presença síria em Alexandria tal como foi traçada pelo autor, como veremos mais adiante.

O segundo capítulo, sobre “Os nestorianos, médicos dos califas em Bagdade” (pp. 29-72), resume de um certo modo a monografia que lhes fora dedicada (v. *supra*): época sassânida, com as escolas de Nisibis e de Gundishapur, e vista de conjunto sobre o período abácida, antes de se falar em particular sobre as famílias Bahtīšū' e Māsawayh, e depois sobre Ḥunayn ibn Ishāq, o grande tradutor e verdadeiro fundador da terminologia médica e filosófica árabe. O capítulo acaba, como quase todos os outros, com breves notícias bio-bibliográficas sobre os outros médicos conhecidos, distribuídos por séculos.

No início do cap. 3, sobre “Os jacobitas e as primeiras traduções siríacas” (pp. 73-101), o autor volta sobre a Escola de Alexandria. Excluído Ahrūn al-Qass, como se disse, seria afinal com o médico e filósofo Sérgio de Reš'ayna, o qual estudara em Alexandria, que se enceta a transmissão da herança alexandrina aos meios sírio-jacobitas, pois que também não é nada seguro que Gécio de Petra (a distinguir do tradutor mais tardio de Ahrūn!) tenha regressado no meio siríaco de origem. Sob o domínio árabe, três personagens se destacam, sendo conseqüentemente objecto de informações desenvolvidas: Ayyūb al-Abraš (*sic*) al-Ruhāwī, *alias* Job de Edessa, do século IX; Abū Sahl al-Masīhī al-Ġurġānī, mestre do célebre Avicena (ver *EI*<sup>2</sup> ed. fr., VI, 715b-16a, s.v. “al-Masīhī”); Gregório Abū 'l-Faraġ Ibn al-'Ibrī, o prelado-mafriano polígrafo, conhecido erroneamente no Ocidente por Bar Hebræus.

Para o inventário final do resto dos cientistas médicos de confissão sírio-jacobita, Le Coz baseia-se quase exclusivamente na prosopografia elaborada

em *Savants arabes chrétiens en Islam* de Louis Cheikho, na edição fixada e actualizada por C. Héchaïmé (Beirute, 1983). Mas deve-se ter em conta que, apesar do contributo deveras meritório do editor-revisor, os apontamentos de Cheikho remontam a cerca de um século e esse não podia estar a par, de modo igual, dos novos estudos e edições de textos de todas as disciplinas científicas! Ora, para este capítulo mais que para outros, impunha-se recorrer aos manuais de referência alemãs de F. Sezgin e M. Ulmann, certo referenciados na bibliografia mas quase nunca citados no corpo do texto.

Passemos para o capítulo dos “Gregos melkitas, herdeiros da Escola de Alexandria” (cap. 4, pp. 103-128). Cabe dizer logo que o subtítulo é algo enganador, na medida em que este grupo não foi mais privilegiado que os sírio-jacobitas em matéria de filiação intelectual e científica. O grego, claro, era a sua língua (se bem que tenha havido melkitas de expressão siríaca...), mas eles não conheceram a instituição “universitária” monástica criada pelos seus correligionários, a qual se revelou capital para a conservação e o desenvolvimento dos textos e paradigmas alexandrinos.

De qualquer modo, do período bizantino (sécs. VI-VII), o autor realça os nomes de Alexandre de Trales, Écio de Amida, Magno de Émesis e Paulo de Egina (ver: P.E. Pormann, *The Oriental Tradition of Paulus of Aegina's Pragmateia*, Leiden, 2004), todos eles traduzidos e conhecidos pelos árabes. Ao mesmo meio intelectual, senão étnico, pertence João Filópono, aliás *Grammaticos* (ár. Yaḥyā al-Naḥwī!). É verdade que era anti-calcedónio, de confissão “miafísita”, e que existem dúvidas acerca dos textos médicos que lhe foram atribuídos na tradição árabe a par dos seus importantes e genuínos escritos filosóficos (*EI*<sup>2</sup> ed. fr., XI, 273a-275a; Sezgin, *GAS* III (*Medizin*), 157-160; Ullmann, *Medizin*, 89-91). Mas nem por isso o seu nome podia passar em branco numa obra dessa. Também faltou consultar a obra luminosa de René Khawam, *L'univers culturel des chrétiens d'Orient* (Paris, 1987), que versa precisamente sobre os meios helenófonos do Mediterrâneo oriental na véspera da sua arabização.

Os dados pacientemente recolhidos por Le Coz sobre o período muçulmano repartem-se sobre três subdivisões, mais as breves notícias referentes aos médicos não abordados nessas partes mas conhecidos das fontes árabes. Para Damasco, durante o califado omíada e algumas décadas após a sua queda, o autor conta uma dezena de médicos menores, sem produção literária de monta, mas servindo os califas e os poderosos do regime. Em Bagdade, sob os abácidas, os melkitas contribuíram modestamente no movimento de traduções e de afirmação da medicina grega. Tinha havido já um núcleo de médicos bizantinos na corte sassânida, os quais teriam preparado o caminho para os

seus sucessores da época islâmica. Ainda antes da grande figura de Qusṭā ibn Lūqā sobre o qual voltaremos, encontramos um Iṣṭifān ibn Basīl, um Eustácio o Monge ou um Yahyā ibn Baṭrīq (< gr. *Patrikios*?). Atribui-se a este último o famoso *Secretum secretorum* que passou para o latim numa dupla versão e, coisa rara para os tratados de origem árabe oriental, para alguns vernáculos da Europa de finais da Idade média ou do Renascimento, entre eles os idiomas ibéricos... Uma panóplia de obras e estudos de pormenores foram-lhe consagrados em tempos recentes, de que se deveria ter mencionado os mais importantes, porque este *remaniement* dum tratado pseudo-aristotélico de política comporta elementos de ciências naturais, quer dizer, de matérias próximas da disciplina médica (*ET*<sup>2</sup> ed. fr., XI, 267a-268b).

Qusṭā ibn Lūqā, nascido em Baalbeque (Líbano) entre 820 e 835, teria merecido uma menção mais desenvolvida, porque ele ombreia-se com o seu contemporâneo Ḥunayn ibn Ishāq. É-lhe até superior do ponto de vista da quantidade e diversidade da obra própria, i.e., fora das traduções. Se acrescentarmos a isso as suas numerosas viagens no mundo bizantino, e até à corte do rei da Arménia, onde faleceu em 912, concordaremos sobre a grandeza da personagem. Só em medicina se lhe atribui 55 obras! Tratou igualmente de muitas outras disciplinas científicas, além da história e da filosofia. Entre as numerosas traduções da Antiguidade clássica (Platão, Aristóteles, Euclides, etc.), temos de assinalar as *Placita philosophorum* atribuídas a Plutarco e que focam os pre-socráticos. Hans Daiber estabeleceu dela uma edição erudita em *Aetius arabus* (Wiesbaden, 1980), um volume de tamanho considerável que interessa eminentemente a figura do tradutor. Considerando o carácter desta revista, convém assinalar ainda que a importante “Correspondance islamo-chrétienne” surgida entre Ibn al-Munaḡḡim e as duas grandes figuras da ciência e filosofia, Qusṭā e Ḥunayn (cf. p. 118), foi publicada por Samir Khalil e Paul Nwyia na *Patrologia orientalis* (XL/4 = n° 185, 1981).

De entre a dezena de médicos melkitas relacionados com Bagdade e posteriores a Qusṭā, um só consegue destacar-se com toda a evidência. Trata-se de Nazīf Ibn Yumn, originário do Irão (!), tendo exercido em Xiraz e mais tarde em Bagdade, fazendo parte do séquito do Emir ‘Aḏud al-Dawla, enquanto um dos seus médicos particulares, aquando da tomada do poder deste como Sultão supremo em 978. Nazīf foi médico e presbítero ao mesmo tempo, mas também filósofo, teólogo e tradutor. O seu tratado de cariz filosófico sobre a conformidade fundamental entre as diferentes confissões cristãs quanto à união hipostática em Jesus Cristo, apresenta-se como um longínquo predecessor do movimento ecuménico dos nossos dias, onde assistimos ao

reconhecimento mútuo entre várias Igrejas, pelo menos no que à crença cristológica toca (ver: J. Nasrallah in *Arabica* 21, 1974; S.Kh. Samir in *Mélanges USJ* 51, 1990).

Ao mesmo tempo que se encontravam no espaço privilegiado dos cristãos “nestorianos”, Mesopotâmia e Irão, os melkitas povoavam também, e em proporções igualmente reduzidas, o país dos cristãos coptas, o Egipto. Para o século IX há referências a três ou quatro médicos sem grande importância, entre os quais o patriarca de Alexandria Policiano (c. 768-813). Somos de opinião, após outros investigadores, que é a esse grupo e não ao dos coptas que se deve relacionar a figura de Nasās ibn Ġurayġ (Anastácio filho de Jorge; cf. pp. 135-136). De resto, Le Coz deve ter hesitado, dado que incluiu entre os melkitas (p. 124) o neto Ishāq ibn Ibrāhīm ibn Nasās, um dos médicos particulares do califa fatímida al-Ĥākīm (996-1020), antes de voltar a falar dele em ligação com o avô. Este, pelo seu lado, ficou algum tempo ao serviço de um governador abácida, escreveu uma obra sobre as drogas e, coisa insólita, trocara correspondência com um homólogo cristão de Córdova... (o mais recente estado da questão na *CE*, pp. 1775-76).

Um século mais tarde, com o califado fatímida, o Egipto torna-se um centro cultural e político de grande importância, mas sem aumentar significativamente a sua quota-parte na elaboração da ciência e da filosofia árabo-islâmicas. Exceptuando um ou outro caso, os médicos cristãos, sejam eles melkitas ou coptas, são pois médicos práticos e não teóricos. Sa’īd ibn Baṭrīq e seu irmão ‘Īsā inauguram este novo período. O primeiro, tornado patriarca de Alexandria com o nome de Eutíquio (933-940), é conhecido mais como historiador mercê dos seus *Anais* que, reatando com a tradição histórica universal do tipo alexandrino, conheceram uma dupla recensão e uma *Continuatio* (*Dayl*) no princípio do século seguinte por Yaḥyā ibn Sa’īd al-Antākī. Ele tem contudo várias obras ou traduções referentes à medicina e farmacopeia, além da filosofia e da teologia, que não chegaram porém a circular muito.

Alguns médicos práticos sucederam-lhe, do mesmo modo que mais tarde, já sob os sultões aiúbidas, que puseram fim à dinastia fatímida sem perderem a independência real do país e estendendo até a sua hegemonia ao espaço sírio-palestino até aos confins da Mesopotâmia setentrional. Foi assim que médicos daquelas regiões foram recrutados para o serviço de Saladino e seus sucessores, entre eles alguns melkitas. De resto, a circulação entre o Vale do Nilo e o Crescente fértil intensificou-se... A esse respeito, atente-se ao facto que a *CE*, de que Le Coz aproveitou para os coptas, inclui entradas sólidas de conteúdo e bem documentadas sobre os médicos melkitas que viveram ou

exerceram a sua profissão no Egipto! É o caso também da conhecida *História dos Patriarcas de Alexandria* de tradição copta. Como exemplo, ela nos fala – e al-Maqrīzī na sua senda – do caso insólito e ignorado nas obras de referência (inclusive no presente livro) de um certo al-Ḥakīm al-Qibī (“O Médico copta”, sem outras indicações) que chegou a ser eleito patriarca melquita de Alexandria em 1243, com o nome de Gregório I (entre os dois Nicolau). Foram então quatro (!) os médicos que acederam ao trono patriarcal melquita entre Alexandria e Jerusalém (ver p. 122), no espaço de cinco séculos de domínio islâmico, o que interessa a história socio-religiosa interna desse grupo ambivalente.

Sob o título de “Os coptas do Egipto e a medicina faraónica”, o autor começa o cap. 5 (pp. 129-136) com a questão da herança nacional antiga, sem chegar a respostas conclusivas. Nem a Escola de Alexandria em território pátrio parece ter tido impacto algum. De facto, os poucos textos em língua copta, mormente receitas médicas, que nos chegaram das épocas bizantina ou muçulmana não oferecem elementos que permitam esboçar um quadro minimamente elucidativo. Como aludimos anteriormente, o Egipto como tal contribuiu pouco na ciência médica árabo-islâmica. Até ao século XIII, a medicina estava largamente nas mãos das comunidades “minoritárias”: judeus e cristãos, coptas ou melkitas. Mas não chegaram a deixar-nos qualquer texto significativo. Do lado copta, temos uma excepção que confirma a regra: al-Mufaḍḍal ibn Māǧīd Ibn Bišr al-Kātib (al-Qibī), denominado abusivamente por alguns investigadores “Ibn Bišr al-Isrā’īlī”, tem um longo poema didáctico de medicina prática (3.5000 versos), ainda inédito e com cópia autógrafa conservada em Paris (*CE*, s.v. “Ibn Māǧīd...”, p. 1689). Por outro lado, a história da literatura copto-árabe do século XIII/XIV revela-nos a existência de três médicos que se aplicaram à especulação filosófico-teológica (ver a nossa contribuição em *Actes des XIe Journées d’Études Coptes*, éd. par A. Boud’hors et al., Paris, 2006).

O último capítulo sobre os moçárabes em Córdova (pp. 137-161) encerra poucos elementos em conformidade com a realidade local. Se o número de páginas corresponde aproximadamente ao dos outros capítulos, isso deve-se ao facto de Le Coz ter-se alongado sobre a situação ante-islâmica, por um lado, e sobre os primórdios da medicina em al-Andalus em si. A verdade é que se encontra pouca coisa e o papel dos cristãos como tais fora bastante limitado, transmitindo apenas algumas versões latinas de textos de referência gregos como os *Aforismos* de Hipócrates, aguardando que a civilização elaborada na parte oriental do espaço muçulmano atinja o país. Mais tarde, no meio do século X, a *Matéria médica* de Dioscórides foi estudada e adaptada à

realidades da fauna local, mercê do contributo do monge Nicolau, enviado pelo imperador bizantino com um manuscrito ilustrado de grande valor. À volta dele, formou-se um núcleo de peritos locais, tanto muçulmanos como cristãos e judeus, para levar a cabo o que para os andaluzes de então se considerava “o empreendimento científico do século”. E desde então, o estudo dos “simples” e das suas aplicações medicinais conheceu um fomento sem par naquelas terras (A. Dietrich, *Dioscorus triumphans*, 2 vols., Göttingen, 1988), tendo irradiado, mais tarde, em direcção ao Oriente islâmico e ao Ocidente cristão.

A breve *Conclusão* (pp. 163-166) evoca rapidamente as comunidades armena e maronita, antes de oferecer um apanhado global sobre o papel dos cristãos na medicina árabe tal como traçada ao longo dos capítulos do livro. Nesta sorte de *epílogo*, Le Coz poderia ter aludido a Constantino Africano (1015-1087). Seja ele de origem cristã ou um converso do islamismo, este tunisino foi um primeiro a transmitir à Cristandade europeia a medicina árabe, mesmo que o não o declarasse explicitamente, fazendo passar textos traduzidos por composições suas (*EI*<sup>2</sup> ed. fr., II, 60b-61b). Com ele abriu-se o novo ciclo da passagem da ciência grega à latinidade e modernidade, no encaço do ciclo siríaco-árabe.

Os quatro *Anexos* (pp. 167-193) tratam sucessivamente de: “os regimes de saúde”, evocando as enciclopédias médicas, os calendários ou almanaques (< ár. *al-manāḥ*) e os livros de dietética e de higiene; “os primeiros oculistas em Terra do Islão”, que foram obviamente cristãos nestorianos, tais como Yūḥannā Ibn Māsawayh (lat. *Mesue*), Ḥunayn Ibn Ishāq (lat. *Johannitis*) et ‘Alī ibn ‘Īsā (lat. *Jesu Haly*), todos traduzidos para o latim; “o aparição do hospital” de tradição bizantino-nestoriana...; finalmente, a “genealogia da família Baḥtīšū”, sob a forma duma árvore genealógica (p. 193).

Na longa *Antologia* (pp. 195-314), Le Coz selecciona uma dúzia de textos de sete autores diferentes, entre os quais figuram os nossos Ibn Māsawayh e Ḥunayn, a par de Ibn Buṭlān e Ibn al-‘Ibrī, por citar apenas as grandes figuras. Há também três textos anónimos e dois são traduções do copta (receitas...).

Concluimos chamando a atenção quanto à transliteração do árabe. Como se prescindiu dos sinais diacríticos, estes interessando mais os especialistas, o autor seguiu o uso corrente, neste tipo de publicações, que indica as vocais longas mediante o acento circunflexo. Ora, observa-se um certo número de lacunas e erros, entre eles o caso surpreendente da palavra *malik* (“rei, soberano, imperador”) que figura sempre com o *i* longo! Por outro lado, nas séries onomásticas, querendo a editora resolver a abreviatura *b.* para *ibn*, esqueceu-se de tirar o ponto!

Estamos, pois, perante um trabalho considerável e meritório que veio preencher uma lacuna evidente, um complemento à monumental *Geschichte der christlichen arabischen Literatur* de Georg Graf, onde se trata mais de literatura religiosa. Mercê do labor persistente do saudoso e incasável investigador Raymond Le Coz, o caminho está traçado para outros volumes tocando outros domínios científicos, a começar pela filosofia, mas também para manuais de referência mais técnicos e sistemáticos que possam complementar deveras a obra erudita iniciada por Graf há mais de meio século! Todo esse o conjunto há-de nos recordar a riqueza que representa uma sociedade plural e aberta.

ADEL SIDARUS  
Universidade de Évora

LEWIS, Agnes Smith – GIBSON, Margaret Dunlop, *Palestinian Syriac texts from palimpsest fragments in the Taylor-Schechter Collection* (Piscataway, NJ: Gorgias Press, 2005), xxiii + 111 pp.; figs. b/n. ISBN: 1-59333-184-3

Es indudable, a estas alturas, que los diversos materiales procedentes de la *genizah* de la sinagoga caiota de Ben 'Ezra' revolucionaron el panorama de los estudios medievales, principal y concretamente en la vertiente hebrea en sus varias posibilidades, aunque también en la vertiente árabe. Como es sabido, fue el célebre profesor Solomon Schechter quien se aseguró de recoger todos los materiales manuscritos procedentes de aquella *genizah* y de trasladarlos a Cambridge para su posterior clasificación y estudio.

Pero esta historia, tiene un paso previo, que fue el dado por las gemelas Agnes Smith Lewis y Margaret Dunlop Gibson. Ambas, en su estancia en El Cairo en dirección al Monasterio de Santa Catalina, en el Sinaí, habían adquirido en la capital egipcia varias hojas manuscritas procedentes de manuscritos hebreos, que una vez llegadas a Cambridge le mostraron a Schechter en 1896. La admiración de Schechter fue tal, que le llevó a convencer al Presidente de St. John's Collage, el Dr. Charles Taylor, para viajar a El Cairo y hacerse con esos materiales de los que le habían hablado las hermanas gemelas.

Este libro, ahora reeditado por Gorgias Press, recoge la edición facsimilar del original publicado el año 1900, en Londres, por Cambridge University Press. El contenido del libro ha sido dividido en dos partes, con paginación separada. La primera parte incluye dos apartados: una 'introducción' (pp. vii-x) en la que A.S. Lewis da sucinta cuenta de las características y pormenores varios de los palimpsestos incluidos en este libro.